Os três encontros da América Latina com o catálogo da Trikont Editorial

Recepção de ideias latino-americanas na Nova Esquerda europeia (anos 1960-1970)

Felipe Castilho de Lacerda

Man verlegt entweder Bücher, von denen man meint, die Leute sollen sie lesen,
oder Bücher, von denen man meint, die Leute wollen sie lesen.
Verleger der zweiten Kategorien, das heißt Verleger, die dem Publikumsgeschmack
dienerisch nachlaufen, zählen für uns nicht – nicht wahr?

Kurt Wolff, "Vom Büchermachen"[1]

Introdução

Se a memória e a história pública reconhecem no assim chamado Maio de 1968 (referindo-se, no mais das vezes, aos protestos parisienses daquele mês) o caráter global do fenômeno, as conexões que se estabeleciam entre os distintos acontecimentos permanecem, de certa forma, ainda na sombra. Nas narrativas dos documentários há que se ter um tanto de imaginação para compreender que laços envolviam as lutas de libertação nacional na África, Ásia e América Latina, os *mao* franceses da *Gauche Proletarienne* – que, mais tarde, vão constituir as leitoras e leitores do Pensamento Francês dos anos 1970 –, a Oposição Extraparlamentar Alemã e uma ideia de *Sex*, *Drugs and Rock n' Roll*, acrescentando-se ainda *hippies* e *beatniks*.

Por esse motivo, interessa investigar as mediações que conectavam os diversos eventos daquela constelação contestatória. O movimento estudantil europeu daqueles anos tomou parte em uma nova esquerda marcada, por um lado, pelas constrições e possibilidades do contexto intensamente politizado da Guerra Fria, mas também, por outro lado, pelas alterações

1 Tradução livre: "Publicamos livros que acreditamos ou que as pessoas devam ler, ou que as pessoas queiram ler. Editores da segunda categoria, isto é, editores que perseguem servilmente o gosto do público, não contam para nós – não é verdade?" (Wolff 2004, 17).

do processo de desestalinização posterior ao relatório de Nikita Khruschov no XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (1956); bem como, e este é um fator decisivo para o presente trabalho, pelas lutas de libertação colonial no Terceiro Mundo. A guerra da Argélia e a Revolução Cubana – para mencionar apenas dois dentre os mais decisivos fenômenos daquele período – não apenas impulsionaram a esquerda europeia, como também serviram de tema e fonte de inspiração para a construção dos ideais de 1968.

Cruzando o Atlântico, em que contexto as palavras de Che Guevara, Fidel Castro ou Régis Debray atracavam, para serem compostas, impressas e lidas? Como apontou Reinhard Wittmann, o sistema editorial alemão "viu-se contrastado, depois de 1968, por pequenas editoras alternativas especialmente dinâmicas" (Wittman 1999, 430). Na Alemanha Federal, essa articulação se deu em torno de algumas editoras como a Trikont Verlag, fundada por Gisela Erler e Herbert Röttgen, que se estabeleceu em Colônia no ano de 1967; a Roter Stern, de Karl Dietrich Wolff, estabelecida em 1970 em Frankfurt am Main (mais tarde tornando-se Stroemfeld Verlag); na mesma cidade, fundada em 1965, Neue Kritik Verlag, diretamente ligada à *Sozialistischer Deutscher Studentenbund* (SDS), como expansão da revista homônima; a Merve Verlag, criada em Berlim, em 1970; além de Klaus Wagenbach, cuja editora fora criada antes das demais, em 1964. Muitas outras casas publicadoras surgiram e grande parte das organizou-se em torno de uma associação, a *Verband des linken Buchhandels* (VLB). O cenário remete ao surgimento de um verdadeiro mercado (alternativo) do livro político (Hage 2010, 10).

Simultaneamente, observa-se a formação de uma contracultura da qual participa um conjunto de pequenas e médias editoras de esquerda. Por meio de contatos diretos ou indiretos, esse conjunto de militantes-editores (ou editores militantes?) constituíram uma espécie de rede transnacional informal de propagação de ideais revolucionários. Giangiacomo Feltrinelli e François Maspero foram agentes fundamentais, especialmente no que concerne ao caso que mais nos interessa, as relações com a Cuba revolucionária. Também na Alemanha Federal, as pequenas editoras de esquerda tiveram contatos importantes com essas duas figuras. Como veremos à frente, esse é o caso da editora Trikont, cujo contato com Maspero desempenhou um papel em seu início.

Destarte, menos que repisar o conhecido, isto é, o aspecto "terceiro-mundista" da esquerda dos anos 1960 e 1970, o que buscamos é com-

preender alguns aspectos das mediações culturais que se estabeleceram na recepção de ideias e construção de um imaginário da América Latina pela Nova Esquerda europeia. Dessa forma, busca-se atentar, no sentido da proposição de Roger Chartier, às "condições e aos processos que, muito concretamente, portam as operações de construção de sentido", visando uma "história social dos usos e interpretações, referidos às suas determinações fundamentais e inscritos nas práticas específicas que os produzem" (Chartier 1989, 1511). É com esse espírito que apostamos, no presente artigo, na análise das transformações do catálogo da Trikont Verlag.

Como apontou François Maspero, "um editor se define por seu catálogo" (Maspero 2009, 258). A história que se vale do estudo dessa fonte, no entanto, não se restringe tão somente à quantificação de dados concernentes à economia do livro. Deve-se atentar, diante das possibilidades e limites das fontes primárias, aos diversos aspectos que compõem a trajetória editorial. Como observou Jean-Yves Mollier, "sem esse observatório biográfico, o estudo dos catálogos, dos autores e das operações comerciais passaria ao largo do essencial, o fator humano" (Mollier 1996, 332). Dessa forma, o estudo dos catálogos, o "livro do editor" (Simonin 2004, 122), encoraja a historiadora e o historiador a interseccionar os dados econômicos aos contextuais (regionais, culturais, políticos) e às trajetórias biográficas.

Vale ainda mencionar que três trabalhos foram fundamentais para a investigação na qual se fundamenta o artigo presente. Trata-se das teses de Uwe Sonnenberg, *Von Marx zum Maulwurf* (2016), e de Julien Hage, *Feltrinelli, Maspero, Wagenbach* (2010) e o livro de Christof Meueler e Franz Dobler, *Die Trikont-Story: Musik, Krawall und andere schöne Künste* (2017). Este último, além de ser a única história sobre a editora Trikont (com ênfase nas atividades da seção musical, que daria origem ao atual selo Trikont-*Unsere Stimme*), apresenta uma série de relatos de figuras relacionadas ao movimento no qual se engajava a editora.

Propomos em nossa análise a existência do que apelidamos os "três encontros" da América Latina com o catálogo da Trikont editorial, os quais se relacionam a diferentes momentos da relação entre o grupo editorial e o movimento social, estudantil e alternativo. Trata-se, sobretudo, de compreender as rupturas e continuidades dessa trajetória, pois, conforme argumentaremos, para além das óbvias transformações que ocorrem no desenrolar dessa história, parece-nos haver um lastro de continuidade que permite aclarar alguns aspectos da opção de grande parte do movimento estudantil da Europa ocidental pelas lutas de libertação no Terceiro Mun-

do. Assim, o estudo da trajetória editorial da Trikont apresenta-se, por um lado, como um estudo de caso, pois o pequeno tamanho da editora poderia sugerir falta de importância, em meio a tantas outras casas publicadoras de igual ou maior tamanho e, especialmente, se comparada a grandes e tradicionais editoras. Contudo, a pequenez da editora não é um mero acaso: relaciona-se com a própria concepção de edição militante da esquerda radical do período. Por outro lado, como veremos, a importância de determinadas publicações latino-americanas – e o nome do empreendimento é obviamente sugestivo – indica a Trikont editorial como objeto fundamental para se compreender os aspectos e o contexto de recepção dos eventos políticos do Terceiro Mundo em geral e da América Latina especificamente.

Um encontro casual: primeiros passos de Trikont

Em 1967, a Trikont Verlag nasceu como empreendimento germinado no meio estudantil. Na cidade de Colônia, sede de uma das organizações regionais mais poderosas da SDS, a União Alemã dos Estudantes Socialistas, a dupla Gisela Erler e Herbert Röttgen compartilhou atividades num grupo de trabalho sobre o Terceiro Mundo. Mais tarde, fundaram a editora que, conforme as palavras de Gisela Erler, teria sido o produto de uma série de acasos (Meueler e Dobler 2017, 13). Naturalmente, toda história, vista por seus agentes em uma dimensão empírica, aparenta uma sucessão de casualidades, mas, no caso em questão, as dimensões e intenções da editora – ou coletivo/cooperativa editorial –, reproduzidas nos relatos posteriores de seus agentes, apontam para a correção de tal assertiva. Ao que tudo indica, a ideia de publicar sobre o Terceiro Mundo foi algo um tanto fortuito: segundo relato de Herbert Röttgen, a decisão veio, sobretudo, do fato de que ele não havia se engajado ainda, naquele momento, em outros temas, e para o assunto possuía referências. O militante-editor teria contato com diversos agrupamentos estrangeiros, pois sempre coordenou grupos de trabalho político em Colônia e, mais tarde, em Munique. Foi em razão de tais grupos de trabalho que travou contato com os chineses (Röttgen s.d., s.n.p.). Norte-coreanos teriam, outrossim, enviado uma porção de materiais para a editora, os quais, contudo, tiveram que ser distribuídos para outros grupos, pois, a bem da verdade, ninguém possuía um real interesse neles (Röttgen s.d., s.n.p.).

De qualquer forma, a casualidade do interesse do editor e da editora de Trikont pelo Terceiro Mundo pode, por um lado, ser visto acertada-

mente como um complexo de coincidências; por outro lado, contudo, certamente não deixa de revelar que a temática estava tão profundamente enraizada nas conversas do movimento estudantil alemão daqueles anos que, com efeito, não havia um motivo maior que explicasse o interesse na temática.

Mas em que contexto de vida as pessoas envolvidas com a fundação da editora se encontravam? Gisela Anna Erler nasceu em 1946 na cidade de Biberach an der Riß e passou a infância sempre em pequenas cidades do sudoeste alemão. Em 1965, cumpriu o *Abitur* para então iniciar o estudo superior com foco em Germanística. Sua formação política deveu muito à herança familiar, sobretudo de seu pai, Fritz Erler, falecido em 1967, cujas atividades em torno da social-democracia alemã do pós-guerra, incluindo a sua crítica e afastamento (Meueler e Dobler 2017, 19), marcaram a trajetória da futura militante, editora e intelectual. Destarte, não constitui surpresa a jovem Gisela travar contato com o movimento estudantil no curso de seus estudos, filiando-se à SDS em 1966 (Erler 1985, 190). Foi provavelmente no início de sua trajetória estudantil que Gisela Erler conheceu seu parceiro de fundação da editora Trikont, Herbert Röttgen. Este diplomou-se em Direito pela Universidade de Colônia e apontaria que, após o primeiro *Staatsexamen* em Direito, intencionava seguir os estudos, mas não estava decidido em qual área o faria. Foi quando, por volta de 1966 ou 1967, começou a se interessar pela revolta estudantil. Para tanto, deve também ter recebido alguma influência de Gisela Erler, que, além da apontada herança política familiar, possuía contatos naquele meio, a exemplo de Karl Heinz Roth (Röttgen s.d.: s.n.p.). Realizou, contudo, temporadas de estudo na França e em Munique. Foi no país vizinho que conheceu o editor francês, já estabelecido como um dos maiores editores da esquerda parisiense em meados dos anos 1960, e com ele travou frutífero contato; enquanto isso, a capital bávara seria o destino da parceria editorial de Röttgen e Erler, além de outros, como Achim Bergmann. Conforme relato de Röttgen, foi quando Gisela Erler e ele mesmo tomaram parte em um daqueles grupos de trabalho vinculado à SDS, junto a outras figuras conhecidas da organização estudantil (Röttgen s.d.: s.n.p.), que, por meio do contato com Maspero, adquiriram material sobre o Terceiro Mundo e passaram a debater sobre o Vietnã, do que teriam participado diversos outros conhecidos militantes, como Peter Gäng.

Menos de um ano após o surgimento em Colônia, a editora muda-se para Munique, onde já existira um empreendimento que trazia o nome de

Trikont Buchladen. Na capital bávara, Alois Aschenbrenner, que transitara do mundo artístico ao militante e participara do grupo *Spur*, representante local do situacionismo, vendia livros numa loja próxima à universidade. Situada na Schellingstraße, a livraria, que também oferecia os serviços de cafeteria, tornara-se local de encontro da juventude de esquerda; ademais, dizia-se que fora a primeira editora da Nova Esquerda na República Federal da Alemanha (Meueler e Dobler 2017, 12). A editora, relata Herbert Röttgen, funcionava no quarto onde viviam, o que resultaria num completo caos (Röttgen s.d.: s.n.p.).

De acordo com Gisela Erler, a morte de Che Guevara foi um evento marcante e um choque para o conjunto do movimento estudantil, que o via como espécie de modelo de herói revolucionário (Meueler e Dobler 2017, 15). Desse evento é que surgiu a ideia de publicar o *Diário da Bolívia*. O manuscrito fora enviado a Cuba por Guevara, a partir da floresta boliviana e aparecera havia pouco na França pelas mãos de François Maspero, como quarto volume das *Œuvres* do militante argentino, as quais apareceram no seio da *Petite collection maspero*, entre os números 34 e 37 (Guevara 1968a). Nos dizeres de Gisela Erler:

> Aí apareceu o diário da Bolívia de Che Guevara na editora francesa Maspero. Então perguntamos, com a observação de que éramos um coletivo editorial estudantil sem fins lucrativos, se podíamos vender o livro. Escrevemos que desejávamos disponibilizar as mensagens de esquerda e anticolonial ao mundo, e pedimos a ele [François Maspero], se podia fazer a solicitação a Fidel Castro. E ele fez isso mesmo e nós recebemos de fato os direitos do livro.
>
> [...] Nós produzimos o livro de maneira totalmente amadora. Era realmente uma cultura de *start-up*, mas naturalmente com um conhecimento muito pequeno de como se podia produzir um livro. Publicamos, então, o livro e chegaram, dentro de um intervalo muito curto, dezenas de milhares de pedidos, e o livro entrou, muito rápido, na lista dos *best-sellers* da *Spiegel*, embora não tivéssemos feito qualquer divulgação – tudo correu na propaganda boca-a-boca e em algumas mídias (Meueler e Dobler 2017, 15).

Achim Bergmann estimaria o total de vendas do livro em cem mil exemplares (Meueler e Dobler 2017, 15). O *Diário da Bolívia* (*Bolivianisches Tagebuch*) foi um dos três maiores logros editoriais da trajetória do grupo de Munique (acompanhado da *Mao-Bibel*, de Mao Tsé-tung e de *Wie alles anfing*, de Bommi Baumann), somando onze edições entre os anos de 1968 e 1981. Em sua quinta edição, tirada no ano de 1973, o paratexto aponta que já se haviam publicado 53 mil exemplares do título. A biografia

da obra de Ernesto Guevara aponta as peripécias de seu *tour du monde* e a agência latino-americana na coordenação das estratégias de difusão da temática revolucionária no além-mar.

A oportunidade de publicação, que, poder-se-ia imaginar, atrairia o interesse de grandes casas publicadoras, chegou às mãos dos editores da Trikont Verlag por intermédio de François Maspero, como anotou o relato de Gisela Erler acima. A difusão do título foi fruto dos interesses e ação orquestrada, em grande medida, por Fidel Castro e autoridades cubanas, provavelmente, é claro, com o apoio de Giangiacomo Feltrinelli. Uma das muitas cópias do diário que circulavam havia sido oferecida a grandes editoras pelos militares bolivianos que capturaram e assassinaram Che Guevara, em troca de uma alta quantia monetária (Meueler e Dobler 2017, 15). Para evitar a publicação por essas empresas, Castro mandou editar e distribuir a obra gratuitamente pelas ruas de Havana, – vindo a lume em 1968 pelo *Instituto Cubano del Libro*, como aponta uma edição posterior (Guevara 1972, 1) –, ao mesmo tempo em que oferecia a uma série de editores militantes a sua publicação, com exigências de celeridade no aparecimento. Tal ação legitimava politicamente a publicação do texto, malgrado se poder questionar se, do ponto de vista legal, não constituía uma *Raubdruck*, uma edição pirata (Meueler e Dobler 2017, 16). Talvez por esse mesmo motivo, não foi possível impedir que a editorial Trikont passasse por questionamentos relativos à propriedade dos direitos de publicação da obra, que, contudo, logo se resolveram a favor da editora. Por fim, a revista *Der Spiegel* pagou pela publicação de trechos do texto, como anexo a uma análise de Jean Larteguy sobre as ações de guerrilha (Sonnenberg 2016, 60-61; N.N. [*Der Spiegel*] 1968, 49-50).

Conforme Christof Meueler e Franz Dobler (2017, 17), ao lado dos títulos de Che Guevara, foi a obra *Worte des Vorsitzenden Mao Tsetung* – conhecida como *Mao-Bibel* – que garantiram financeiramente a vida da editora Trikont. Após suas primeiras publicações, Röttgen e Erler teriam se dirigido aos chineses, meios pelos quais teriam recebido o monopólio da distribuição do célebre livro vermelho de Mao, com a exceção de dois outros pequenos grupos. Segundo relato de Herbert Röttgen, calcula-se um total de 120 mil exemplares vendidos, dentre os quais a metade deveria ser efetivamente paga aos chineses; contudo, metade da dívida foi, de início, perdoada. Destarte, os editores-militantes teriam ocupado grande parte de seu tempo com a venda do título, que, ainda conforme o relato de Röttgen, distribuía-se a 20 *Pfennige* (informação possivelmente questionável), com

o que garantiu-se a sustentabilidade do empreendimento (Röttgen, s.d.: s.n.p.). Já em seu relato, Gisela Erler aprofunda a caracterização das condições de venda da obra de Mao Tsé-tung:

> [...] Herbert Röttgen e eu encomendamos de fato vinte mil *Mao-Bibeln* em Pequim na *Peking-Rundschau*. No total, vendemos 120 mil livros.
>
> Lembro-me ainda de um grande momento de choque na minha vida, quando Röttgen e eu fomos chamados no escritório da receita. Ali, havia um grande cômodo cheio de pacotes quadrados e cada um continha vinte ou cinquenta *Mao-Bibeln*. E tivemos que abri-los todos. Por fim, todos os pacotes tiveram que ser refeitos, um trabalho de um dia inteiro. Assim que se espalhou, por meio de um artigo de jornal, que se podia encomendar esse livro conosco, chegou realmente uma torrente de pedidos. Começamos, então, junto a amigos e de forma totalmente amadora, a empacotar e empacotar. Eu fui, então, com uma bicicleta até a [praça] Stachus, e na Stachus o cesto quebrou; e então eu fiquei ali parada, cercada por duzentas *Mao-Bibeln*, que eram destinadas à livraria Lehmkuhl. Esse foi o momento em que se tornou claro pra mim: a gente precisa profissionalizar isso, a gente precisa encontrar alguém para a distribuição. Mesmo porque o volume das vendas apenas aumentava. Pouco a pouco, conhecemos a rede de livrarias. E assim, esse livro foi parar não apenas nas livrarias de esquerda, mas também em cada livraria de estação de trem.

Se o livro vermelho de Mao foi parte fundamental do financiamento da editora instalada em Munique, ele fez parte também da manutenção de outros grupos Alemanha Federal afora, o que demonstra o grau da demanda pela obra. A célebre *Kommune 1* berlinense também distribuía a brochura e com ela consolidou alguma renda para suas atividades (Sepp 2018, 103). Não se pode esquecer que também a editora chinesa Guozi Shudian logo faria sua distribuição direta, paralelamente aos intermediários, ao público alemão por serviço postal. Assim, o catálogo da editora chinesa, publicado no ano de 1971, anunciava as *Worte des Vorsitzenden Mao*, com 384 páginas, formato 7,5 por 10,5, portando a célebre capa vermelha plastificada, pelo valor de 1,10 DM. Anexo ao catálogo vinha o talão de pedidos, onde se identificava os livros pelos códigos constantes do catálogo, devendo ser enviado "à sua livraria ou a Guozi Shudian, caixa postal 399, Pequim, China" (Guozi Shudian 1971, 12, 33-35). O livro, compilado e introduzido pelo então Ministro da Defesa da República Popular da China, Lin Biao, saíra em 1965 pela Guozi Shudian. Além da distribuição da obra pelos coletivos que desfrutavam de contato com os chineses, houve uma edição em 1967 pela *Fischer-Bücherei* sob o título *Das rote Buch: Worte des Vorsitzenden Mao Tsé-tung*, organizada e introduzida por Tilemann Grimm

(Sonnenberg 2016, 61). Rudi Dutschke chegaria a criticar severamente essa edição, pois, segundo o dirigente estudantil, havia erros de tradução, os quais não provinham do desconhecimento da língua chinesa, mas da ausência de mínima compreensão da teoria marxista (Sepp 2018, 103).

A publicação e distribuição de obras políticas que tematizavam o Terceiro Mundo parece ter sido o fruto da convergência de: 1. Uma atitude crítica ao ambiente público autoritário da Era Adenauer, isto é, um ato de provocação; com 2. Certo exotismo que os relatos e escritos guerrilheiros de Mao Tsé-tung ou de Che Guevara despertavam na esquerda estudantil. O que constitui o contexto ou matriz de recepção das ideias terceiro-mundistas na Europa.

A revista *Tricontinental* foi, desde seu primeiro número, lançado em julho-agosto de 1967, uma publicação que ligava não apenas os militantes dos três continentes do Terceiro Mundo, que se encontraram em Havana para fundar a OSPAAAL (Organização de Solidariedade dos Povos da África, Ásia e América Latina) no ano anterior – organização da qual a revista foi pensada como órgão teórico –, mas dos militantes desses povos com a esquerda que se desenvolvia na Europa. A publicação saía simultaneamente em espanhol, inglês, francês e italiano, sendo distribuída por Giangiacomo Feltrinelli na Itália, provavelmente o mais importante apoiador financeiro da difusão europeia da revolução latino-americana, assim como por François Maspero na França. No espaço cultural alemão, o pequeno coletivo editorial, que tomaria de empréstimo à organização seu próprio nome, Trikont, ensaiou a publicação da *Tricontinental* em alemão, com a presença de uma delegação da SDS em Cuba, no ano de 1968. O malogro levou a editora a distribuir a versão inglesa do material, segundo informe editorial duma antologia publicada pela März Verlag, de Frankfurt am Main (Wolff 1970, 319). A coletânea reunia, conforme a informação de Karl Dietrich Wolff, "contribuições que talvez possam apoiar o desenvolvimento de uma consciência do papel das metrópoles capitalistas e a fundamentação da necessidade de sua decomposição" (Wolff 1970, 316). Entre os artigos da seleção, contavam-se contribuições de Amilcar Cabral, personagem frequente na livraria parisiense de François Maspero e o *Minimanual do Guerrilheiro Urbano* do militante brasileiro, assassinado em 1969 pela ditadura militar de seu país, Carlos Marighella.

Antes que Rudi Dutschke e Gaston Salvatore houvessem se incumbido, em 1967, da ágil tradução do discurso de Ernesto Che Guevara, *Schaffen wir zwei, drei viele Vietnam* pela *Oberbaumpresse*, de Berlim ocidental, um

coletivo formado por membros da SDS, ligados às seções de Colônia e de Munique, traria à luz uma edição de outra obra do revolucionário argentino, *Partisanenkrieg: eine Methode. Mensch und Sozialismus auf Cuba. Zwei Studien*. Conforme as notas editoriais da brochura, o responsável pela publicação foi Erich Eisner, a edição foi obra de membros da organização estudantil das duas mencionadas cidades alemãs e a tradução ficou a cargo de membros do grupo de Munique (Guevara 1966, 4; 13).

Inferimos que este tenha sido o ponto de partida de Trikont, dada a proveniência de um mesmo círculo social, que teria à testa Herbert Röttgen e Gisela Erler. Além do mais, a obra seria republicada, dois anos mais tarde pela editora da dupla, como segundo número da série *trikont-aktuell*. O caso é curioso. Não há qualquer menção à edição anterior da SDS. O prefácio de Erich Eisner foi suprimido, dando lugar ao obituário de Che Guevara na pena de Peter Weiss. A tradução que, na edição de 1966, aparecia a cargo de membros da seção bávara da SDS, agora é atribuída ao "Dr. R. Führer". Mas há um aspecto ligeiramente confuso: apresenta-se a tradução de Führer "aus dem Spanischen", isto é, do espanhol (Guevara, 1968b). Mas, como se aponta nas notas de rodapé que introduzem ambos os textos juntos enfeixados, apenas o primeiro deles (*Partisanenkrieg ...*) foi traduzido do espanhol, tendo origem no periódico *Cuba Socialista*, enquanto o segundo (*Mensch und Sozialismus ...*), em razão de não se dispor da edição do periódico uruguaio *La Marcha*, donde consta a primeira publicação, foi ele vertido da língua francesa, a partir da versão publicada na revista publicada pela editora de Maspero, *Partisans* (Guevara, 1968b, 1; 25). Isto é, se o Dr. Führer traduziu o texto do espanhol, quem traduziu o outro do francês? Se o tradutor for o mesmo, por que se destaca exclusivamente a tradução "do espanhol"? É certo: trata-se de uma divergência menor, quase imperceptível. Contudo, pode-se inferir daí algumas práticas desse meio militante-editorial, tais quais um certo descuido na tarefa de revisão, o que Gisela Erler já salientou (Meueler e Dobler 2017, 16), bem como a reapropriação de textos anteriormente publicados, sem cuidados bibliográficos mais formais de meta-referenciação. De toda forma, a comparação das notas e do texto indicam que estamos diante da mesma tradução tanto na edição de 1966 da SDS quanto no número dois da série *trikont-aktuell*, de 1968.

Outro fato que causa certa estranheza é o relato de Gisela Erler acerca do pequeno livro *Schaffen wir zwei, drei, viele Vietnam*. A militante-editora afirmaria que:

> No texto de Che Guevara *Schaffen wir zwei, drei, viele Vietnam!*, que traduzimos da revista cubana *Granma*, havia uma quantidade extremamente grande de erros de composição. Isso ocorreu, pois tínhamos, em Colônia, um impressor e compositor que era chinês e praticamente não falava nada de alemão. E ele compôs esse texto com dificuldades, cometeu erros na leitura e composição. E, simultaneamente, nossa revisão era naquele momento ainda muito imperfeita. Tudo, até o acabamento do livro, era muito superficial – mas realizado com grande paixão (Meueler e Dobler 2017, 16).

As características parecem descrever de forma precisa o título de Che Guevara, publicado em 1967. No entanto, a obra, conforme indica seu paratexto, não foi publicada pela Trikont, mas sim pela Oberbaumpresse; em Berlim e não em Colônia. Já a tradução e a introdução são de Gaston Salvatore e Rudi Dutschke, como já se assinalou acima (Guevara 1967).[2] Também nesse caso, só se podem levantar algumas hipóteses. O mais provável é que se trate de um equívoco da memória, próprio a um relato feito décadas mais tarde. A única coisa que desafia essa mais provável conjectura é o fato de a descrição dos defeitos do livro condizer mais à publicação de 1967 da Oberbaumpresse do que a algum dos primeiros livros da Trikont, os quais, mesmo que sem um acabamento de luxo, não se confundem, no que tange à qualidade da edição, de forma alguma com o folheto editado em Berlim. Por essa razão, pode-se cogitar a hipótese de que Gisela Erler tenha participado da produção de *Schaffen wir zwei, drei, viele Vietnam*, o que cristalizaria a lembrança em sua memória, mesmo que a edição fosse, de fato, da editora oeste-berlinense.

De todo modo, a primeira publicação oficial do coletivo seria a *Botschaft an die Völker der Welt*, com a já bastante conhecida face de Che Guevara e a de Fidel Castro à capa, além de uma vinheta que reproduzia claramente a marca da revista *Tricontinental*. Os passos iniciais do coletivo editorial foram marcados, da mesma forma, pela publicação de seus livros dentro da série *trikont-aktuell*. Os números um a cinco da coleção foram a *Botschaft an die Völker der Welt/Rede vom 13. März* (Che Guevara & Fidel Castro), *Partisanenkrieg: Eine Methode/ Mensch und Sozialismus auf Kuba* (Che Guevara), *Gegen die amerikanische Agression* (Ho Chi Minh), *Now: Der schwarze Aufstand* (Daniel Guérin, H. Rap Brown, James Forman e Stokely Carmichael) e o *Bolivianisches Tagebuch* (Che Guevara) – este anunciado como volume duplo. A média de preços da coleção era de

2 Agradeço à Doutora Dorothee Weitbrecht por me ter concedido uma cópia de *Schaffen wir zwei, drei, viele Vietnam*, de Che Guevara, constante de seu acervo particular.

4,50 DM. A editora anunciava, outrossim, a possibilidade de aquisição dos volumes da série por assinatura: "Anualmente aparecem de cinco a dez números a um preço que varia de 3 DM a 6 DM por número. Desconto de 20 % na aquisição de cinco números, de 25 %, na aquisição de dez números" (Meueler e Dobler 2017, 17).[3]

Da revolução tricontinental à autonomia: transformações de uma perspectiva

A fundação da editora Trikont teve conexão estreita com a SDS, surgindo de seu seio. Quando a organização, que unia estudantes em escala nacional, realiza sua autodissolução após um intrincado processo de disputas internas, os caminhos dos diversos grupos que por meio dela se orientavam vão se dividir e dar origem (ou prosseguimento) a uma infinitude de pequeninos grupos de estudantes de esquerda (Fichter e Lönnendonker 2018, 263-266). *ML-Gruppe*, maoístas, situacionistas, libertários e socialistas de esquerda substituem a sigla SDS no vocabulário da esquerda radical alemã.

Isso não significou, contudo, o fim para a jovem editora de Munique. Muito pelo contrário, iniciou uma nova fase em seu programa de publicações. Conforme Uwe Sonnenberg (2016, 62), Gisela Erler afirmaria, num relato ulterior, que seu grupo editorial já divergia previamente da postura abstrato-teórica da SDS e de sua editora frankfurtiana *Neue Kritik*. Não obstante, cumpre notar que a temática terceiro-mundista será empurrada para o fundo do catálogo: malgrado o diário de Che Guevara prosseguir como um dos carros-chefes em termos quantitativos e surgirem ainda publicações sobre o Terceiro Mundo, a produção dos grupos italianos "operaistas", como *Lotta Continua* e de maoístas franceses, como a *Gauche Proletarienne*, bem como de seus correlatos alemães, tomará de assalto as edições da Trikont no decênio de 1970. Também o sortimento musical, novidade dos primeiros anos daquela década, paulatinamente ganha um grande espaço de destaque.

Conforme Klaus Körner:

> A editora via a si mesma como uma editora militante, que cooperava com agrupamentos anarcosocialistas, entre os quais contavam-se o movimento

3 Trata-se da reprodução de um anúncio da Trikont constante do livro de Christof Meueler e Franz Dobler (2017).

> *Sponti* de Munique *Arbeitersache*, o grupo de Frankfurt [am Main] *Revolutionärer Kampf*, com Joschka Fischer e Daniel Cohn-Bendit e, no Norte da Alemanha, o *Proletarische Front* (Körner 2004, 103).

O perfil biográfico de Gisela Erler, em uma obra de sua autoria, aponta que ela esteve ativa, até 1973, no grupo *Arbeitersache* (Erler 1985, 190). Logo depois, Erler seria cofundadora da primeira editora ligada ao feminismo da Alemanha ocidental, Frauenoffensive; editora que, aliás, foi germinada dentro da própria Trikont Verlag. Um documento que mostra exemplarmente a transformação pela qual passava o grupo editorial é a introdução ao catálogo de publicações para o ano de 1972. O texto intitula-se "geschichte + situation des verlages" (história + situação da editora) – grafado assim mesmo, em caixa baixa – e versa:

> A editora foi fundada em 1967 como editora da SDS, portanto em estreita ligação com o movimento estudantil daquele período. Nossa autodefinição, que apresentamos a seguir, não a encara como uma ruptura com nossa concepção anterior, mas como um ponto de desenvolvimento, que retirou lições, em termos de publicações e de organização, dos erros e limitações da revolta estudantil. A história da editora é, por certo, um processo de contradições, ela não é, contudo, uma história de abnegação (Trikont 1972, s.n.p.).

Como se constata, do ponto de vista mesmo dos sujeitos em sua época, a transformação do programa editorial de Trikont não encerra ruptura brusca e radical. Os processos de liberação nacional na face pobre do globo constituíam-se, poder-se-ia dizer, no outro lado da moeda da luta anticapitalista, junto à crítica e combate à "organização capitalista do trabalho", ou "sociedade de fábrica", no vocabulário daquela tendência da esquerda, que poderíamos chamar de "autonomista" (*Autonomie* 1977; Bergmann, Janssen e Klein 1978). Após indicar que muito do aprendizado precedente bebia nas experiências de *Lotta Continua* e *Gauche Proletarienne*, a nota concluiria reafirmando a convergência dos antigos e novos interesses expressos em seu catálogo de publicações:

> Nem todos os textos devem apresentar diretamente experiências de luta. A crítica minuciosa do revisionismo parte do princípio de que os elementos fundamentais que identificam os países alinhados à U[nião] S[oviética] são tão importantes quanto um entendimento dos problemas do imperialismo e dos desenvolvimentos no Terceiro Mundo. Certamente essas questões te-

> óricas devem também ser tratadas como questões que podem ser encaradas do ponto de vista da autonomia e da linha de massas (Trikont 1972, s.n.p.).

Destarte, o segundo "encontro" da América Latina com o catálogo de Trikont teria relação com uma transformação de seu programa, pois se trata especialmente da produção de discos de vinil, integrando canções revolucionárias provenientes de distintos espaços do subcontinente. Pela averiguação dos catálogos, pode-se aferir ter sido no ano de 1972 o início da distribuição de *Longplays* pelo grupo da Trikont. Em um primeiro momento, o catálogo se restringia à distribuição de material do grupo italiano *Lotta Continua*, o *Canzionieri Proletario*, que os editores alemães tratarão de traduzir a seu público: *Revolutionäre Lieder*. Como aponta Philipp Felsch, ao estudar a trajetória da editora oeste-berlinense Merve Verlag, "nos anos setenta a Itália atraía como Arcádia da luta de classes" (Felsch 2015, 91). Os olhos dos militantes alemães se deslocavam do Sul global, mas recaíam ainda no Sul continental. No entanto, os grupos do *operaismo* italiano foram simultaneamente intermediários para a recepção de materiais fonográficos provindos da luta armada e outras tendências do pensamento e ação críticos do continente americano e, especialmente, da América do Sul. Destarte, a seção musical do catálogo da Trikont, com sete vinis, entre os quais se encontravam os títulos *Lotta Continua*, *Ballata dela Fiat* y *Prendiamoci la Cittá*, trazia a nota editorial de Trikont:

> Uma parte das entradas se vai empregar diretamente no trabalho político de *Lotta Continua*, entre os *emigrati* na Alemanha ocidental. Nos próximos meses vamos ampliar o máximo possível nossa oferta de discos de vinil e queremos, além de outras canções revolucionárias da Itália e de canções da *Gauche Proletarienne* da França, acrescentar a seu lado canções do movimento revolucionário de todo o mundo (Trikont 1972, s.n.p.).

Portanto, a partir de 1972 começam a aparecer no catálogo da Trikont canções de combate dos movimentos revolucionários latino-americanos, começando por *Armi per la Cile*. Um pouco depois, no catálogo para o início do ano de 1974, a canção latino-americana viria à luz com *Mexico Oprimido*, de Judith Reyes, *Viva la Revolución 1907-1966* – o qual integrava faixas provindas de Chile, México e Cuba – *Venezuela Guerriglia* FLN/FALN, além de *Lieder der Tupamaros 1972*.

A presença do *operaismo* italiano no sortimento de Trikont, assim como, em menor medida, da *Gauche Proletarienne* francesa, foi a marca da segunda fase do coletivo editorial. Por esse meio, a editora do Sul alemão insistirá na luta pela autonomia das trabalhadoras e trabalhadores, dentro do espectro que rondava aquele movimento de "crítica da sociedade do trabalho". Um bom símbolo dessa fase será o cachorrinho que ilustra tanto o catálogo musical, como o periódico dedicado ao departamento fonográfico de Trikont, *Unsere Stimme*, o qual possui um comportamento não muito respeitoso com "a voz do seu senhor", urinando em seu gramofone.

Assim, ao observar o processo de transformação do catálogo em sua processualidade histórica, torna-se lícito indagar: Poderiam as lutas de libertação nacional tricontinentais serem encaradas como um dos impulsos por autonomia? Tal hipótese sugere que não há ruptura, mas continuidade no espectro ideológico que se desenvolve no quadro das transformações do catálogo de Trikont e que, ao mesmo tempo, a evolução engendrada pelo programa de publicações pode iluminar as matrizes político-intelectuais que embasavam as primeiras publicações terceiro-mundistas da editora.

Retorno ao mito

1977. Outono na Alemanha. Momentos decisivos para a esquerda alemã e período de transformação para a Trikont editorial. Como anotou Uwe Sonnenberg (2016, 313), "nenhuma outra editora da VLB se identificava de forma tão incondicional, a partir de meados dos anos 1970, em termos de autocompreensão, programa e discurso com a cena alternativa [*Alternativbewegung*]". A Trikont começou a advogar, destarte, por uma atenção mais adequada da Nova Esquerda ao "contexto de vida", às repúblicas de estudantes (*Wohngemeinschaften*), às cooperativas, ao comportamento sexual (Sonnenberg 2016, 313-314).

Depois de passar por sua fase "terceiro-mundista", de haver lançado canções de protesto provenientes de distintos espaços, entre eles, da América Latina, e, por fim, de passar pela publicação do *operaismo* italiano, o subcontinente constituir-se-á em um dos temas de atenção do coletivo editorial. Mas agora, não mais como fonte inspiradora para a revolução armada, senão pelos ensinamentos dos povos originários, matrizes ideais para o "retorno ao mito" professado pelo editor Herbert Röttgen no livro-manifesto, em coautoria com Florian Rabe, *Vulkantänze* (1978). Como

aponta Klaus Körner (2004, 106), a partir desse ponto, não se tratava mais da opressão contra uma minoria, mas sim da aprendizagem com as tradições indígenas. Conforme Uwe Sonnenberg (2016, 314-315), Herbert Röttgen relataria, numa visão retrospectiva, que já em 1976 ele teria feito sua "transição" no sentido de uma convergência entre política e espírito. Mas seria com sua obra coautoral, junto a Florian Rabe, que consolidar-se-ia seu novo caminho orientado a uma crítica transversal à ideologia da Nova Esquerda; em estreita relação com essa postura questionadora, dois anos mais tarde, Röttgen professaria, junto a Christiane Thurn, a máxima, que apareceria então em alguns de seus catálogos, *konservativ geworden und revolutionär geblieben*: tornado conservador, mas permanecendo revolucionário (Sonnenberg 2016, 315). Tomado por esse espírito, Herbert Röttgen decide por rebatizar a casa editora com o nome *Dianus-Trikont* (após ter passado por uma fase transitória como *Trikont-Dianus*). A escolha teria vindo de dois diferentes significados possíveis: Janus, o deus do começo, deus de duas faces; e Dianus, como marido de Diana, a deusa romana que representava poder e força; conhecida como deusa triforme por ter absorvido as identificações com as deusas gregas Ártemis, Selene e Hécate, era a divindade da caça e da lua. O símbolo da editora rebatizada era a face dupla de Janus, que olhava para a direita e para a esquerda (Körner 2004, 105).

Nesse contexto, o programa editorial abriu-se para uma torrente multifacetada de temáticas, que, no lugar de um "sujeito revolucionário único", dava espaço a uma "diversidade de subjetividades autônomas" (Sonnenberg 2016, 314). Num apanhado de Uwe Sonnenberg, o programa do período que vai de 1975 a 1979 trazia temas como: luta contra a energia nuclear, envelhecimento, tecnologias alternativas, o "outro movimento operário", a questão e as revoltas prisionais, bruxaria, homossexualidade, regionalismo (como o bretão na França e o basco na Espanha), rastafári (com uma obra sobre Bob Marley), bem como títulos sobre África e América Latina (Sonnenberg 2016, 314), com obras sobre a situação política argentina em tempos de ditadura, outras duas edições do diário boliviano de Che Guevara e uma obra sobre as crianças de rua em Bogotá (Dombrowsky 1992, 7; 9; 11).

Esta será a tônica do catálogo da editora Dianus-Trikont até sua dissolução, em 1986. Antes disso, o setor musical já se desprendera do trabalho editorial, sob a direção de Achim Bergmann, e sobrevive até hoje, sob o

nome *Trikont-Unsere Stimme* – na versão em língua inglesa, *Our own voice* – como selo *indie* mais antigo da Alemanha.

Finalmente, não é de se ignorar a hipótese de que a reconversão do programa editorial de Dianus-Trikont talvez se tenha acelerado pelos inconvenientes com os quais tiveram que lidar seus membros no que tange à repressão política e à censura. A transformação é perceptível sobretudo após 1977, o que indica o enorme impacto sofrido pela editora após o chamado Outono Alemão, quando o governo alemão ocidental instaurou uma política de terror generalizado em sua ânsia de perseguir e capturar os militantes da *Rote Armee Fraktion*, os quais, por seu lado, acabaram por apelar a estratégias arrojadas, mas potencialmente suicidas, com vistas à libertação de prisioneiros e prisioneiras políticas (ação tática muito comum entre os movimentos de luta armada daquele período, como o palestino, os africanos e os latino-americanos, donde veio certamente a inspiração) como o sequestro de um avião e a captura e assassinato de um refém. No que tange especificamente à editora, o evento crucial foi a censura e perseguição ao livro *Wie alles anfing*, do antigo militante do Movimento 2 de Junho, Bommi Baumann, o que jogou os membros do coletivo editorial em um périplo judicial.

A nova cara da editora também se tornou incompatível com o meio da Nova Esquerda. Com a VLB, da qual a Trikont fora ativa participante, Röttgen criou uma feroz querela ao assinar, em 1981, junto a Christiane Thurn, um prefácio à décima-primeira edição do *Bolivianisches Tagebuch*, onde tecia críticas mordazes não diretamente a Che Guevara, mas aos que propagavam a sua memória, cujos ideais se teriam desvanecido em um banho de sangue. Síntese da imagem da América Latina nessa última fase da existência da casa editorial, é a afirmação, ainda naquele prefácio, do que estaria então na ordem do dia para o meio alternativo:

> Hoje, ouvimos outra voz do Terceiro Mundo, que é mais profunda, auspiciosa e promissora que o discurso de crença no progresso dos revolucionários mal desbotados. A voz dos xamãs, que bebem em ancestral sabedoria e de cujas palavras podemos registrar as mais primordiais leis do ser (Röttgen e Thurn *apud* Körner 2004, 106).

A revolução tricontinental, na qual as fundadoras e os fundadores de Trikont viam a esperança de um futuro de justiça e igualdade não mais interessava-lhes; agora, o editor-militante apostava suas fichas naquelas e naqueles que carregavam as bagagens ancestrais de uma sabedoria do passado.

Conclusões

Chegando às conclusões, recordamos um relato datado provavelmente do ano de 1982, de Herbert Röttgen, falando de suas relações com militantes do Terceiro Mundo. O editor aponta que:

> Havia uma sincronia dos acontecimentos, como o percebi mais tarde, não que um tenha uma influência primária sobre o outro, senão que foi assim como se em todo o mundo hordas se levantassem em processos absolutamente paralelos; dessa forma, o Teufel e o Langhaus poderiam sem dificuldades caminhar pela *Kommune* com o livro vermelho do Mao debaixo do braço e visitar a embaixada de Berlim oriental e, aí, fazer um protesto, enquanto os dois passavam pela embaixada chinesa (Röttgen s.d., s.n.p.).

Se, por um lado, 1968 foi o estopim de toda uma constelação de publicações, debates e acontecimentos, ele foi, outrossim, um ponto de reconversão, um período de transição para todo o sistema de pensamento crítico e ação revolucionária. Com isso em mente, o objetivo do presente artigo foi o de explorar o catálogo da pequena editora Trikont, como estudo de caso, mas simultaneamente, eixo que sintetiza um sem número de processos históricos que se interpenetram, com o intuito primordial não de demonstrar que a Nova Esquerda europeia realizou uma apropriação de ideias e a construção de um imaginário do Terceiro Mundo – o que é fato já consolidado na memória e na historiografia –, mas sim de investigar as mediações pelas quais esse ideário foi construído. Por fim, argumentar em torno da hipótese de que essa esquerda antiautoritária possuía um *background*, diria, uma matriz de pensamento, que forneceu as bases para que se erigisse uma forma específica de olhar para o Terceiro Mundo, em geral, e para a América Latina, especificamente, que tornou possível uma transferência de ideias, mesmo que sempre, como não poderia ser diferente, moldando-as e as traduzindo ao seu contexto de atuação.

Como hipótese, poderíamos dizer que as contribuições da América Latina às discussões da esquerda europeia foram, ao menos: 1. A discussão ao redor da luta armada, incluindo aquela realizada no contexto urbano; 2. A liberação nacional do contexto descolonizador africano, da revolução cultural chinesa e do levantamento anti-imperialista latino-americano como uma das matrizes do impulso antiautoritário e autonomista da esquerda europeia.

O movimento estudantil que atuou nos anos 1960 e 1970 possuía características de enorme abertura e horizontalidade, como nunca se viu

na história do movimento comunista. De acordo com relato de Herbert Röttgen, sua editora teve os primeiros problemas em razão de que seu coletivo não tinha quaisquer dificuldades em incluir o livro vermelho de Mao e as obras de Che Guevara em um mesmo sortimento. Seriam, para eles, duas posições que podiam conviver, mas, para os chineses com os quais travaram contato, tal posicionamento era inaceitável, pois teriam rompido com Cuba (Röttgen s.d., s.n.p.). Foi nesse período que as entregas da *Mao-Bibel* começaram a atrasar e a editora Trikont recebeu suas primeiras notas de cobrança pelos exemplares: a partir de então, os repasses passaram a ser efetivamente cobrados (Röttgen s.d., s.n.p.).

No que concerne ao "1968" como acontecimento global, uma mirada mais atenta reconhece que havia sim uma circulação de pessoas (sobre esse tema o trabalho fundamental é o de Dorothee Weitbrecht, 2012) e ideias no curso dessa constelação contestatória, mas, como nos recorda Pierre Bourdieu (2000, 161), as ideias viajam sem seus contextos, o que é causa de "mal-entendidos estruturais". A recepção da esquerda latino-americana na Alemanha é um pequeno ponto de onde podemos observar as contribuições do Novo Mundo às matrizes intelectuais da Nova Esquerda no Velho Mundo.

Referências bibliográficas

Autonomie: *Materialien gegen die Fabrikgesellschaft*. 1977. Nº 8. Frankfurt a. M./München: Autonomie-Kollektiv/Trikont.

Bergmann, Willi, Thomas Janssen e Jürgen Klein, eds. 1978. *Autonomie im Arbeiterkampf: Beiträge zum Kampf gegen die Fabrikgesellschaft*. Hamburg/München: Association/Trikont.

Bourdieu, Pierre. 2000. *Intelectuales, política y poder*. 1. reimp, prólogo y traducción de Alicia B. Gutiérrez. Buenos Aires: Eudeba.

Chartier, Roger. 1989. "Le Monde comme représentation". *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations* 44, nº 6: 1505-1520.

Dombrowsky, Christine. 1992. *Bestandsliste: Mai 1992 nach Erscheinungsjahren*. München: Dianus-Trikont Archiv (datilografado).

Erler, Gisela Anna. 1985. *Frauenzimmer: Für eine Politik des Unterschieds*. Berlin: Klaus Wagenbach.

Felsch, Philipp. 2015. *Der lange Sommer der Theorie. Geschichte einer Revolte 1960-1990*. München: C. H. Beck.

Fichter, Tilman P. e Siegward Lönnendonker. 2018. *Geschichte des SDS: Der Sozialistische Deutsche Studentenbund (1946-1970)*. Bielefeld: Aisthesis.

Guevara, Ernesto Che. 1972. *Escritos y Discursos 3: Diario en Bolivia*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales del Instituto Cubano del Libro (Ediciones Políticas).

Guevara, Ernesto Che. 1968a. *Œuvres I: Textes militaires*. Paris: François Maspero (Petite collection maspero, 34).

Guevara, Ernesto Che. 1968b. *Partisanenkrieg: eine Methode. Mensch und Sozialismus auf Cuba. Zwei Studien*. München: Trikont.

Guevara, Che. 1967. *Schaffen wir zwei, drei, viele Vietnam*, editado por G. A. Petermann. Berlin: Oberbaumpresse (Kleine Revolutionäre Bibliothek, 1).

Guevara, Ernesto Che. 1966. *Partisanenkrieg: eine Methode. Mensch und Sozialismus auf Cuba. Zwei Studien*. Köln/München: SDS-Köln/ SDS-München (*Fazit*-Reihe, 1).

Guozi Shudian. 1971. *Publikationen aus China in deutscher Sprache*. Beijing: Guozi Shudian [Archiv des Hamburger Instituts für Sozialforschung/Bestand "Linke Verlage"/ Verlagsprogramme/Guozi Shudian (Peking)/ Von 1971 bis 1972].

Hage, Julien. 2010. *Feltrinelli, Maspero, Wagenbach: Une Nouvelle génération d'éditeurs d'extrême gauche en Europe occidentale (1955-1982): Histoire Comparée, Histoire Croisée*. 2 vol. Tese de doutorado. Université de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines.

Körner, Klaus. 2004. "Der Trikont Verlag und das 'Archiv 451'". *Aus dem Antiquariat. Zeitschrift für Antiquare und Büchersammler* 2 (9 de abril de 2004): 101-107.

Maspero, François. 2009. "1969. Les Mots ont un sens". Em *François Maspero et les paysages humains*, directado por Julien Hage, Alain Léger e Bruno Guichard, 255-264. Lyon: À Plus d'un titre/La Fosse aux ours.

Meueler, Christof e Franz Dobler. 2017. *Die Trikont-Story: Musik, Krawall und andere schöne Künste*. München: Wilhelm Heyne.

Mollier, Jean-Yves. 1996. "L'Histoire de l'édition: Une histoire à vocation globalisante". *Revue d'histoire moderne et contemporaine* 43: 329-348.

N. N. 1968. "Kuba: Guevara-Tagebücher". *Der Spiegel* 29: 49-50.

Rabe, Florian e Herbert Röttgen. 1978. *Vulkantänze: Linke und Alternative Ausgänge*. München: Trikont.

Röttgen, Herbert. S.d. Entrevista de arquivo pessoal [datilografada e sem número de páginas].

Sepp, Benedikt. 2018. "Schwenken, schmücken und studieren: Die *Mao-Bibel* in der westdeutschen Studentenbewegung". Em *Ein kleines rotes Buch: Über die Mao-Bibel und die Bücher-Revolution der Sechzigerjahre*, editado por Anke Jaspers, Claudia Michalski e Morten Paul, 99-116. Berlin: Matthes & Seitz.

Simonin, Anne. 2004. "Le Catalogue de l'éditeur, un outil pour l'histoire: L'Exemple des Editions de Minuit". *XXe siècle. Revue d'histoire* 81: 119-129.

Sonnenberg, Uwe. 2016. *Von Marx zum Maulwurf: Linker Buchhandel in Westdeutschland in den 1970er Jahren*. Göttingen: Wallstein.

Trikont. 1972. *Programm 72*. München: Trikont.

Weitbrecht, Dorothee. 2012. *Aufbruch in die Dritte Welt: Der Internationalismus der Studentenbewegung von 1968 in der Bundesrepublik Deutschland*. Göttingen: V&R unipress.

Wittmann, Reinhard. 1999. *Geschichte des deutschen Buchhandels im* Überblick, 2. reimp, München: C. H. Beck.

Wolff, Kurt. 2004. "Vom Büchermachen". Em *Warum so verlegen? Über die Lust an Büchern und ihre Zukunft*, editado por Klaus Wagenbach, 17. Berlin: Klaus Wagenbach.

Wolff, Karl Dietrich, ed. 1970. *Tricontinental: Eine Auswahl (1967-1970)*. Frankfurt a. M.: März.